

# DE CINEMA

## Breves comentários

por ALVES COSTA

Estreou-se enfim «Beethoven». E se os senhores me dão licença para um desabafo eu classifico já em duas palavras o novo filme de Abel Gance: um «pastelão cinematográfico».

Nós podíamos mesmo ficar por aqui e falar de outra coisa. Mas já que começamos e tendo eu visto o nome do realizador, permitam-me meia dúzia de rápidos comentários.

Abel Gance teve sempre o gosto dos motivos grandiosos. Mas mesmo nos seus melhores filmes nunca foi muito além dum espalhafato desordenado. Nas suas mãos nunca houve subtilidades de sugestões, nunca houve medida nem discreção. E' tudo sublinhado a traços fortes, tudo vincado com exagero. Todavia, de principio, Abel Gance trouxe ainda originalidade («A Roda») e inovações técnicas («Napoleão») que lhe grangearam uma certa auréola de inovador, mas que, evidentemente, acarretaram consigo responsabilidades que não soube medir, promessas que não soube cumprir.

E a prova aí está! De toda a sua irregularíssima obra «Beethoven» é positivamente um desastre e um recuo.

Ou o assunto que abordou era grande de mais para as suas possibilidades ou as suas possibilidades demonstradas em anteriores filmes foram um logro. O facto é que o seu filme, pesadíssimo, desarticulado e pretencioso, nada vale nem pelo sentido social e humano que poderia desprender-se dum tão vasto e rico motivo, nem pela construção técnica, digamos cinematográfica da sua obra.

A única coisa aproveitável é a tentativa para dar a surdez de Beethoven, o que, de resto, não resultou completamente por Abel Gance se ter servido quasi exclusivamente de processos objectivos, desprezando as ilimitadas possibilidades que tinha em mãos. Viu-se onde ele queria chegar mas infelizmente não soube servir-se das imagens e dos sons como devia. E o resultado foi ficar a meio caminho.

O restante é o que há de mais banal, barato e «bota de elástico».

Para desempenhar o papel

de Beethoven foi escolhido Henri Baur, actor de valor e de recursos já comprovados. Pois não sei que lhes fez. Henry Baur, diante de cujas cântas e esgares alguns críticos ficaram assombrados, criticou um Beethoven amplesmente monstruoso.

O seu desempenho fez-me descrever do seu talento.

Comentando o filme ou sujeitando-o a si, a música de Beethoven, por vezes arbitrariamente distribuída, sente-se apoucada. O grandioso é o sublime coaduna-se mal com a mediocridade.

//

«O Rapaz do Elefante» despertou-me agradáveis recordações: dois velhos filmes também de Robert Flabesty — «Moana, o homem da Polinésia» e «Nanuk, o Esquimó».

Extraído dum conto de Kipling, «O Rapaz do Elefante» traz a mesma beleza de imagens, a mesma agradável simplicidade, o mesmo encanto poético. Além disso desentoxica-nos da vulgaridade de tantas historietas imbecis, com cantigas e sentimentalismo de romance barato. Ou vemos todos os dias. Robert Flabesty é um especialista neste género. Bem mereceu, a maravilhosa narrativa do pequeno Toomai, o prémio que lhe foi atribuído na última «Biema» de Veneza.

//

O «S. João-Cine», à semelhança do que já fez o ano passado, acaba de inaugurar «matinées» especiais com programas totalmente compostos por filmes de desenhos animados.

Fui à primeira dessas «matinées» e revi com inextinguível prazer algumas das melhores «Silly Symphonies» de Walt Disney e alguns «Mickey» antigos mais excelentes.

Em toda a sala não estavam trinta pessoas, contando os porteiros e os polícias! Positivamente, para ter esta retribuição, não vale a pena manter iniciativas interessantes.

Se levarem às quartas-feiras, de tarde, um filme do Tino Rossi tinham a casa cheia...

# de Sal a Sal

(Continuação da pág. três)

violência da palmatória. O facto já aqui, por um nosso colaborador, foi apontado. E' preciso realmente insistir, porque aquillo toma as proporções dum desafio e é, na verdade, uma vergonha que nos sirvam num recinto público, onde vão crianças que aprendem a escrever, palavras escritas num pretoguês que os professores não toleram e que nós todos, crianças e adultos, somos obrigados a suportar no seu desrespeito propagandístico: são os distribuidores subornados pelos editores de dicionários... Era uma ideia, se assim fôsse.

## Como se escreve história

Afirmou há algumas dezenas de anos um lúcido sociólogo que toda a história da humanidade estava por fazer, e a nós não é difícil verificar a veracidade da afirmativa. Efectivamente, se o historiador não deve desprezar os factos que os hábeis cronistas nos desvendam, não deve ficar por aí, nesse simples expor de acontecimentos vistos pela rama, exteriormente, sem a complexidade das causas profundas, em baixo residenter, e que desvendam nos parece ser, na verdade, a elevada missão do historiador moderno. Até hoje história tem sido, na sua grande parte, uma narrativa dos acontecimentos em si, feita com superficialidade, mera exposição do que foi, do que se viu, não obstante ser necessário que os momentos históricos que despertam a nossa atenção nos devam ser apresentados no seu encaixe lógico, com uma visão nítida dos factores que contribuíram para que aquillo fôsse assim. E' certo que aqui já se nota a função atribuída ao sociólogo, que estuda a formação das sociedades e os problemas que as constituem, mas se se verifica ser necessário para que a história do homem se edifique esta junção de actividades, deve realmente tender-se para isso.

Felizmente que, nesta época de salutar e poderoso revisionismo mental, certos erros neste aspecto vão sendo corrigidos, e a história começa a estabelecer-se, com uma admirável junção de esforços, como uma obra grandiosa que colectivamente se realiza. E assim a falta apontada pelo velho escritor e pensador culto vai sendo lentamente rectificada, remediando-se, e se não

está tudo feito neste aspecto, poderemos estar certos de que a história não será no futuro mera e longa reportagem—como modernamente se diria—mas orientação muito preciosa para a vida que viveremos, na sua palpação e no seu enorme interesse.

## Benda e a Juventude

Devemos dar, talvez, ao Benda a postura austera e limpa dum Erasmo moderno. Ele é claro, é comedido, sereno, sem apóstrofes violentas, com a obsessão—chamemos-lhe obsessão—do justo e com uma altura de vistas muito de louvar, muito erasmica, toda cheia daquela compreensão de que o «humano» existe e que é preciso, às vezes, considerá-lo. Mas o Benda, quando expôs numa conferência a trágica situação dessa conflito de gerações a que aqui se alludia, encontrou contra si o descomedido de frases coléricas, violentas, que ele recebeu e acatou numa attitude calma e às quais respondeu com hábil tranquillidade.

De quem partiram essas frases? Dos jovens que Benda apresentou como martirizados pela mecânica histórica, os de hoje, e que regatearam o preço pelo qual lhes era proclamada a sua infelicidade. «O meu tema era o de que a antiga geração, a que orçava pelos trinta anos em 1900, foi particularmente feliz, enquanto que a geração do após-guerra, chamando assim ao conjunto dos homens que têm hoje de vinte e cinco a quarenta anos, deve fazer face a circunstâncias eminentemente difíceis». Mas afirmou-se o contrário, garantindo-se que a juventude está satisfeita, que toda ela vive a plenitude dum imenso contentamento e que, em toda a parte, sente grandezas e felicidades sem par. Outro problema, seguidamente, se colocou e que foi o de saber-se se a juventude é uma força que se coloca sempre ao lado do que é justo e progressivo. Benda, francamente, juvenil na sua velhice, afirmou-o que não. E afirmou-o com uma galhardia, aparentemente desconcertante, num homem que sabe exaltar as coisas vivas da vida. Afirmou-o talvez pelo seu porte sereno e justo de Erasmo. «porque o culto da juventude, em certos aspectos, é, na maior parte das vezes, uma forma de apelo à força». Erasmo, como Benda, acima de tudo punha a grandeza das coisas reflectidas, meditadas, pela razão dirigidas.